

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação
GEAJA
Linha de pesquisa: Currículo na EJA
Educandos: **Maria Clara Rodrigues de Carvalho**
Rafael Vieira de Araújo

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Tendências recentes dos estudos e das práticas curriculares. In: **Alfabetização e Cidadania**. Revista da Educação de Jovens e Adultos. Práticas Educativas e a construção do currículo, nº 11. São Paulo: RAAAB, abril/2001. Disponível em: http://forumeja.org.br/files/Vol%2003_ed%201_Const%20Col.pdf, acesso em: 02/09/2011

Pelo exposto é possível extrair que historicamente e tradicionalmente o currículo é entendido como conjunto dos conteúdos programáticos estabelecidos para disciplinas e séries escolares. Tendências mais recentes consideram que além do conteúdo programático os procedimentos metodológicos e avaliativos também fazem parte do currículo. Pensar o currículo dentro dos Estudos Críticos é reconhecer que as práticas curriculares são espaços de criação e não apenas momentos de aplicação de currículos pré-fabricados.

Neste sentido a autora assinala que as propostas curriculares oficiais são formas de normatização e controle da atividade pedagógica. Na maioria das vezes são construídas por especialistas e sua difusão se dá por meio de atividades de sensibilização e capacitação, amparadas juridicamente. Essas propostas curriculares oficiais buscam criar uma identidade entre currículo e listagem de conteúdos e/ou habilidades como procedimento de controle da atividade pedagógica. Essa organização privilegia a dimensão produto do currículo, desconsiderando o processo de produção sociocultural que se estabelece no cotidiano escolar. Mesmo com a normatização e controle as propostas oficiais não são capazes de eliminar a multiplicidade social do ambiente escolar. Assim nas escolas existem muitos currículos em ação que contrariam os modelos idealizados da atividade pedagógica e dos processos de aprendizagem, incorporando ao currículo as experiências dos sujeitos que constituem a escola.

Superando este entendimento formalista e cientificista do currículo, a autora apresenta uma nova compreensão:

Não se fala de um produto que pode ser construído seguindo modelos preestabelecidos, mas de um processo por meio do qual os praticantes do currículo ressignificam suas experiências a partir das redes de saberes e fazeres das quais participa. (OLIVEIRA, 2001, p.236)

Para tanto, cabe a escola superar as formas e critérios tradicionais de agrupamentos de alunos e de organização de conteúdos, de métodos de ensino e procedimentos de avaliação.

Especialmente na EJA essa organização tradicional de currículo, se torna mais inadequada e danosa. Em primeiro lugar, destaca, por não ser possível uma homogeneização dos seus sujeitos. Em segundo lugar por não ser possível adotar na EJA os mesmos critérios para a seleção e organização dos saberes escolares, pois o conhecimento se constrói nas redes de relações que se estabelecem entre estes saberes escolares e os demais saberes sociais, e não na forma fragmentada das matérias e disciplinas curriculares.

Portanto, um dos principais desafios impostos atualmente para EJA é estabelecer a ideia da tessitura do conhecimento em rede. Pressupondo que as informações submetidas aos sujeitos sociais só passam a constituir conhecimento quando a eles são atribuídos significados. Segundo Oliveira (2001) “(...) O movimento necessário não é o de fazer uma proposta curricular em rede, mas de fazer emergir os muitos currículos já existentes. Criar alternativas de organização curriculares que, em vez de buscar silenciar as experiências em curso ajudem na legitimação de espaços e tempos variados e múltiplos.” Sendo esta a função de um currículo oficial.

Enfim, essa nova compreensão de currículo só será efetivada na EJA por meio de discussões coletivas a respeito das práticas curriculares existentes, reorganizando-as com base em todos os aspectos da realidade escolar.